

Bendito sejas, Senhor Deus e Rei,  
pelos Reis e Rainhas, pela Cruz e pela  
Espada do Império da Fé!

Pelos Soldados e pelo Povo, louvado  
sejas, Senhor!

Conservai o ânimo e vigor dos Por-  
tugueses, perdoai aos que morreram,  
abençoi os porvindouros, e a nossa  
Pátria terrena, em todos os séculos viverá  
por sua honra e glória vossa!

Senhor! Senhor! No reconhecimento  
das graças e na esperança da virtude,  
todos nós, Portugueses, para sempre vos  
louvamos, por todos os séculos de sécu-  
los vos confessamos e glorificamos:

*Te Deum laudamus!*

Escrito na prisão de Lisboa, em 9 de Fevereiro de 1940.

## NA LUZ

**D**EPOIS de andar três léguas, até às  
primeiras casas da aldeia de  
Nossa Senhora da Luz, quasi  
alcançamos o extremo sul da Ilha Gra-  
ciosa.

Pelas estradas que para um e outro  
lado se cruzam e recruzam com entu-  
siasmo eleitoral, os mesmos cuidadosos  
amanhos aformoseiam os campos, os  
montes e montículos, a alternar com  
várzeas por onde agora vicejam nos  
milharais, as promessas vingadoras de  
um ano de fome.

Por pouco, não se goza em todo o  
passeio a vista do mar que, sem decli-

ves suaves ou arenosas praias, abraça, aperta e descarna o corpo da ilha, com pertinazes e ferozes intentos de a devorar ou afogar.

Ao longo da linha da costa, de Santa Cruz ao Carapacho, da Vila da Praia ao Farol da Ponta da Barca, ao sôpro hostil dos quatro ventos, o mar com o mesmo ímpeto modela e desfaz caprichosas esculturas de basalto e de argila que há milénios se vão precipitando no abismo das águas.

Do adro da igreja da Luz, com nobres volutas seiscentistas na frontaria, os olhos levantam-se dos charcolas da água, providamente ali represada para usos domésticos, e são levados de relance pelos pendores da Caldeira e do Monte Fragoso e pelas lombas do Monte da Cova, de onde brota um dos raros milagres de fonte de água nativa nesta ilha. Mas só por alguns meses fugidios ela cantará na pedra...

As terras, agora cobertas de viço, precipitam-se em socalços para o mar,

para êste mar de neblina que dissolve os perfis, apaga os relêvos e a si próprio se vela e afoga.

Vai alto o dia, mas o sol não se desvenda de todo. Estáticos tons de cinzento envolvem pessoas e gados. Os próprios ruídos do trabalho, os rumores da vida emudecem, e no confuso abraço de cacimba e águas, de céu e mar, a terra a nossos olhos se desfaz e reaparece, como visão de um sonho.

As casinhas brancas da vizinhança, e os casebres escuros a que os dólares da América ainda não trouxeram o luxo da cal, parece que flutuam nas ondas de verde e oiro, afogadas em arvoredos rasteiros e tufo de flores, abertas e ridentes flores em canteiros, nos telhados e em manchas vivas ao longo das valetas.

Por aqui vai terminando a ilha em verdes colinas de fresco e viçoso mato, e, quando se abrem no céu rasgões de claridade, iluminam-se pequenos cerrados de trigo, suspensos à beira de ravinas, por entre floridas canadas.

Nos altos, os moinhos parados meditam melancolicamente na incerteza do vento, e talvez também na incerteza e fragilidade das pompas terrenas, para dar lição e exemplo aos homens.

Lá para o fundo em que a terra mais se convulsiona, abriga-se o Pôrto da Folga aonde o vapor só vem ancorar para fugir às procelas e à traição das nortadas. Assim, de inverno, duas vezes por mês, a gente mais curiosa deseja o temporal, suspira por êle ou talvez até faça preces aos Santos, para poder ver e tocar o vapor da carreira, êsse pequeno ponto que se desloca, formando a linha que une a Ilha aos interêsses e miragens de Lisboa e do Continente.

Ver gente, outra gente, ouvir novas falas, receber notícias e sentir aragens de outras terras,—que poderoso anseio de perturbar a lentidão, a insistente monotonia das horas, dos dias, dos anos e das pessoas! Equivale à reconciliação com a natureza, pela convivência sem limite na vida social, para a qual os autores dos

códigos insinuam que o homem nasceu, sem reconhecerem que assim foi e sempre será por disposição do Criador.

Em tempo normal e brando, o navio passa de largo com as suas tentações e encantos, e o povo por aqui permanece à espera que outra quinzena se desfie, outra e mais outra, para só ver o mensageiro de Portugal a flutuar de longe, deixando aos olhos a ilusão de um penacho de fumo negro que tristemente se esvai no céu...

\*  
\*   \*  
\*

No Largo 1.º de Dezembro, venerado como lar comum dos prazeres, branqueja o *império*, capelinha coroada, com portas e janelas de gótico luísiano, na qual se guarda e distribui o bodo, por dia do Espírito Santo.

Aqui se ouve agora um piano tímido e desterrado, por certo caído das nuvens, enquanto os homens açodem junto de mim, a ver quem passa, porque êles, por

má sina, lá estão e hão-de ficar, até que lhes seja permitido outro surto para terras do Novo Mundo.

E sem mais nem para quê, faz-se ali ajuntamento. Vêm os velhos e reformados, os que foram à América e agora se lastimam de terem de pagar com penúria, o amor e a saúde da sua Ilha. E ouvem-se arrependimentos em voz amarga confessados:

— Aqui não vale a pena trabalhar!

Por tôda a parte se reconhece que a Graciosa, como as outras irmãs, é grande tributária de sangue e de suor às riquezas e seduções dos Estados-Unidos. Quantos podem, lá vão encontrar compensações e remédio à insuficiência da sua terra, embora esta ilha não seja pobre, com sua fama de celeiro dos Açores e abundância de gados de tôda a espécie.

Mas a população cresce, ao parecer, na célebre progressão geométrica, e esta lavoura de jardinagem há muito alcançou o limite da sua capacidade produtiva, pelos tradicionais meios e recursos

de cultura. Com tal densidade de população, as colheitas ainda sustentam a gente em regime de vida remediada, mas já não ostentariam franco bem-estar económico os que às reservas se ativessem, para gastar com desafôgo.

As terras dão para comer, mas não para viver com regalada abundância.

Exceptuando poucas famílias na posse de heranças de outros tempos, as casas novas, os confortos interiores que nelas se observam, vieram sendo sugeridos pelos Estados Americanos e pagos pelos seus dólares. Atraída e vencida por tal realidade, com a visão de semelhante certeza, para São Francisco, para Fall River, para New Bedford, para outras cidades e regiões, vai a gente da ilha com a geral simpatia dos que ficam, à espera de se lhe poder juntar. Lá está o pai ou o filho, o tio ou o primo. No primeiro vapor iriam outros irmãos e primos mais novos, se o Governo agora lá os quisesse admitir. Assim, já pela América se dobrou a actual população dos Açores!

E aqui, neste largo de obscura aldeia insular, se mede todo o alcance do maior dos problemas nacionais: dar trabalho e pão aos portugueses em terras portuguesas. Desprezemos as estatísticas que mentem à vontade dos potentados plutocratas, e procuremos povoar e valorizar com braços portugueses as terras de bom clima da nossa África, onde vi tantas zonas colonizáveis.

Nesse intento nacional se compreende, segundo penso, a continuação da nossa grandeza e do nosso destino civilizador. Não o fazer é desprezar e alienar o que mais vale, o tesouro do sangue português.

E essa onda da desnacionalização do sangue irá prosseguindo, se o Poder Público não tomar consciência desta angustiosa realidade e não der favor à realização do seu maior dever e encargo. Nas presentes condições, quem quisesse conter por arenga patriótica, o êxodo e o abandono dos lares do nascimento, obteria em concludente e definitiva resposta, um bocejo de fome...

Tôdas as possibilidades humanas são limitadas e mais ainda o sofrimento...

...E o povo continua a reclamar, na minha presença, como se em vez de um deportado eu fôsse o influente político de outras eras ou um poderoso delegado do Governo:

— Não temos telefone e faz aqui muita falta, diz o côro dos queixosos e agravados. Para um carro, para o médico, para o vapor, o telefone, sim... O telefone... Prometem, prometem, e não o mandam pôr...

A miséria aqui tem sido geral. Muitas bôcas e pouco pão.

Se não fôsem êstes trabalhos da estrada, pagos pela Junta, morria-se de fome, porque não se comem pedras. Ninguém podia dar serviço, por não haver dinheiro para o pagar. E sem trabalho não há pão: só roubando...

Cá na freguesia não existem vinhas, e duzentos e cinqüenta pescadores não podem viver só do mar. Bem se sabe que a pesca por aqui não é folga...

Os olhos tristes e as cabeças terrosas dão assentimento a quem fala nesta tarde opaca, à porta de uma loja de comércio, sem freguesia.

Mas na parede interior, em letreiro bem claro, para desiludir tentações, o seu dono vai advertindo a quem ali entra:

*Não se vende a crédito. As vendas a crédito fazem perder a freguesia e adquirir inimizadas.*

Vê-se que em muito preza a amizade este lojista, e muito bem lhe fica tal sentimento; mas a sua excessiva prudência leva-o a negar a base do comércio e a fazê-lo esquecer que, sem o crédito que outros lhe deram, não chegaria êle a abrir a loja e ainda menos a escrever tão conceituosa legenda. E nestes tempos de guerra, talvez o interêsse mais a paz do que o próprio lucro. Será assim? Impenetrável mistério da filosofia dêste fiel devoto de Mercúrio!

O tempo ia passando. Lembrou-se um homem de me trazer uma cadeira para mais de perto e còmodamente os

ouvir a todos, em graves expressões de quem já perdeu ou não pôde encontrar a realidade dos melhores sonhos da vida:

—Estamos para aqui abandonados, exclama um que andou na América, tocando cortêsmente na barreta de gomos:

Logo outro acrescenta:

—É verdade, senhor, chega o vapor à Ilha e não sabemos a hora nem o pôrto onde fundeia...

Querem continuar a supor-me político da Terceira ou figurão que se trata de tu com os ministros, lá por Lisboa:

—O senhor é que podia...

—Se o senhor quisesse, como sabe falar assim, desenganado...

—Não lhes posso fazer nada, estão iludidos. E tenho pena. Sei falar, é verdade, mas, se me ouvissem, não me atendiam.

De uma fisionomia a outra passa uma curiosidade interrogativa. Aquêles pés, todos descalços, menos os dos circunstantes algum dia regressados da

América, deslocam os seus donos para mais perto, reduzindo o espaço da roda que me vai cercando.

Um velho, de barba de sarrilha em bom estilo constitucional, arrasta a sua lamentação:

—O pior são as décimas! E êles não esperam nem abatem, é escusado pedir.

Mas já o meu companheiro voltava, liberto dos deveres do officio e logo me levantei para me despedir desta numerosa assembléia que ninguém convocara.

—O senhor vai partir? Não janta cá?

—São horas de voltar, e já falámos bastante...

—Agora que estávamos acostumados à sua conversa, tão clara que todos entendíamos à primeira...

—Eu também vos entendi, bons e tristes homens da Luz!

Nossa Senhora da Luz vos alumie os passos do caminho da consolação, em terra e mar, por todos os dias da vida...

Neste fim de tarde, descendo pela riba ao rés d'água, fomos visitar as águas do Carapacho, fonte de milagres terapêuticos para artríticos da Graciosa e das Ilhas de Baixo, fonte de risonhas esperanças para o médico novo, meu companheiro de jornada. A água brota e escoá-se ao nível do mar, e a sua temperatura, por mistério da química vulcânica ou neptunina, parece que se eleva com o calor solar no seu caudal subterrâneo.

*Vejam agora os sábios na Escri-tura...*

As arribas, para um e outro vento, são descarnadas, feridas, latejantes de tons violáceos, a dar-nos vista de uma derrocada de ontem, grande ruína que irá continuar e sem descanso.

Para além da escarpa golpeada, a pique, em carne viva, defronte do ilhéu e de rochedos esparsos, cobertos de lapas, abre-se a angrazinha do Altar, desembarcadouro dos descobridores, onde, segundo a tradição, foi arvorada a cruz e rezada a primeira missa.

E fazendo agora as contas, há mais de quinhentos anos que nossos avós baptizaram esta terra, começaram a arroteá-la e a povoá-la, prendendo-a pela fé, pela fala e pelo amor ao coração e à alma de Portugal.

Oh! milagres da Crei Antiga!

6 de Junho de 1940.

## LIDAS DO LEME E DO ARADO

CASIMIRO, AFAMADO TRANCADOR

**N**AS lidas do arado e do leme, os açorianos entregam ao trabalho tôdas as fôrças do corpo e da alma. Mal os interrogamos, trasbordam de sincero entusiasmo em suas narrativas, procurando sempre certificar-nos da verdade, mas sem deixar seu crédito por mãos alheias.

Êste Casimiro da Cunha, mestre de lancha, de 55 anos, foi pescador e sapa-teiro fora da época da safra, e moleiro catorze anos a fio.

Pequeno, acaçapado, nervoso e comunicativo, tem a sua história e nela por